

**PRÁTICAS DE LEITURAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: ÊNFASE NO TRABALHO DO
EDUCADOR**

Maria Betanea Platzner¹

Arnaldo Dias Mariz²

Resumo: O presente artigo objetiva investigar práticas pedagógicas de educadores que atuam na educação infantil, em se tratando de seu trabalho com a leitura. Para tanto, esse estudo se apoia em pesquisas acadêmicas que contemplam discussões sobre leituras na infância e práticas pedagógicas e na pesquisa de campo desenvolvida em uma instituição pública municipal de educação infantil, localizada no estado de São Paulo. Foram realizadas, no contexto das investigações, entrevistas com seis educadoras que atuam com crianças de quatro e cinco anos de idade. A pesquisa realizada revela um conjunto substancial de informações sobre como as educadoras caracterizam a leitura na infância, a forma como são trabalhadas as atividades de leitura e os gêneros textuais que são contemplados em seu trabalho pedagógico. Também foram enfatizadas discussões sobre a necessidade das leituras cotidianas, vivenciadas pelas crianças em diferentes contextos sociais, serem abordadas no trabalho

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Substituta da Universidade Federal de São Carlos/Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas (UFSCar/DTPP). Professora do curso de Pedagogia pela Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de São Carlos (UAB/UFSCar). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre infância, família e escolarização (GEPiFE/CNPq). E-mail: betaneaplzner@yahoo.com.br.

² Especialista em Didática e Tendências Pedagógicas pela Faculdade São Luís – Jaboticabal, SP. Gestor de Escola de Educação Infantil no município de São Paulo, SP. Tutor do curso de Pedagogia pela Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de São Carlos (UAB/UFSCar). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre infância, família e escolarização (GEPiFE/CNPq). E-mail: arnaldomariz@gmail.com.

pedagógico desenvolvido na escola. Verificou-se que a escola pesquisada apresenta um papel significativo no que diz respeito ao incentivo a práticas de leituras pelas crianças, mas que se restringe à literatura infantil. Todavia, é fundamental a ampliação de tais práticas para outros gêneros textuais. Também as ações pedagógicas docentes devem estar embasadas no reconhecimento e na valorização das práticas de leitura vivenciadas pelas crianças em diferentes espaços e que não se limitam ao universo escolar.

Palavras-chave: Espaços Sociais. Infância. Leituras. Trabalho Docente.

1 Contextualizando a presente pesquisa: conversas iniciais

Sabemos que a educação infantil se configura como uma etapa de escolarização fundamental para o desenvolvimento global da criança. Nesse contexto, podemos afirmar que há diversos conhecimentos que devem ser contemplados nas atividades diárias com os educandos que frequentam esta primeira etapa da educação básica. Entre tais conhecimentos, enfatizamos as práticas de leitura.

Quando refletimos sobre a temática leitura, podemos analisá-la sob diferentes enfoques, uma vez que esta se revela de maneira complexa. No presente artigo que, por sua vez, é parte de uma pesquisa mais ampla sobre práticas de leitura, infância e ação docente, visamos a discutir as ações pedagógicas de educadores, em se tratando do trabalho com a leitura na educação infantil.

Assim, objetivamos, por meio desta pesquisa, investigar aspectos que se revelam fundamentais, quando refletimos sobre práticas de leitura na infância e o papel do educador nesse contexto. Diante disso, algumas questões norteiam o presente estudo, são elas:

- De que forma educadores caracterizam a leitura na infância e como são trabalhadas as atividades de leitura com as crianças que frequentam a educação infantil?
- Quais gêneros textuais são contemplados no trabalho com a leitura na instituição de educação infantil?

- Os educadores, de fato, investigam e valorizam a presença de práticas de leitura vivenciadas pelas crianças em diferentes espaços sociais? Caso eles reconheçam tais práticas, como estas são trabalhadas em sala de aula?

Para a realização deste estudo, recorreremos a pesquisas acadêmicas que abordam discussões sobre leituras na infância e práticas pedagógicas. Desenvolvemos também pesquisa de campo para registro e busca de informações que permitiram a descrição, análise e reflexão acerca dos objetivos propostos. Assim, realizamos entrevistas com seis educadoras, que atuam em uma instituição pública municipal de educação infantil, localizada no estado de São Paulo. As educadoras são graduadas em pedagogia e atuam com crianças de quatro e cinco anos de idade. Neste trabalho, as educadoras serão identificadas³ como: Gabriela, Miriam, Simone, Camila, Mariana e Paloma.

2 Dialogando com as educadoras: práticas pedagógicas, leituras e crianças

Investigamos como as educadoras caracterizam a leitura na infância e de que maneira são trabalhadas as atividades de leitura com as crianças que frequentam a educação infantil. Nossa pesquisa também envolve reflexões sobre os gêneros textuais que são contemplados pelas educadoras em seu trabalho pedagógico. Pesquisamos, ainda, se as educadoras investigam e valorizam a existência de práticas de leitura realizadas pelas crianças em diferentes espaços sociais, procurando averiguar, caso reconheçam tais práticas, como estas são trabalhadas na instituição escolar.

Iniciamos nossas discussões, investigando como as entrevistadas caracterizam a leitura na infância. Conforme, por exemplo, aponta a educadora Gabriela:

³ Por uma questão de ética, será preservada a identidade de todos os participantes desta pesquisa. Assim, os nomes apresentados são fictícios.

[...] A criança ao ouvir uma história ou quando lê através das imagens ou quando tenta decodificar as letras e palavras, estabelece um vínculo de afetividade com quem lhe proporciona este momento [...]. (Professora Gabriela).

O relato acima revela uma concepção de leitura que não se limita a da palavra escrita, já que é possível a leitura de imagens. Fica evidente, além disso, que as práticas de leitura não exigem necessariamente que os indivíduos estejam alfabetizados no sentido do domínio do código alfabético (codificar e decodificar), visto que é possível, por exemplo, vivenciar tais práticas por intermédio de alguém que já tem esse domínio. Britto (2005, p.18), em seus estudos sobre letramento e alfabetização, afirma: “[...] Quando uma criança de três ou quatro anos toma emprestada a voz da mãe, da professora, da amiga mais velha, do adulto, e lê o texto com a voz emprestada, ela está lendo com os seus ouvidos. [...]” E, segundo o autor, ninguém duvidaria desse fato, se nós contássemos que Sartre, cego, leu muito com a voz emprestada de Simone de Beauvoir; ainda, que Borges, cego, leu muito com a voz emprestada da sua secretária; evidenciando, assim, que as pessoas podem ler com os olhos, podem ler com as mãos e, por fim, podem ler com os ouvidos.

Podemos, também, relacionar o relato apresentado pela professora Gabriela a práticas de leitura nas sociedades do Antigo Regime, conforme descreve Chartier (1999b, p. 25): “[...] numerosos ‘leitores’ só apreendiam os textos graças à mediação de uma voz que os lia. [...]” Evidenciando que “[...] a ‘leitura’ é aqui audição de uma palavra leitora. [...]” (CHARTIER, 1990, p.124).

Analisando ainda os dizeres da professora Gabriela, observamos que permitem também um entendimento da leitura como prática que não se restringe somente ao aspecto cognitivo, visto que é retratado o seu valor como uma maneira de estabelecer vínculos de afetividade entre as pessoas. Platzer (2009), em seu trabalho sobre leituras na infância, observou que, para determinadas crianças, a leitura é experimentada como uma forma de criar vínculos afetivos entre os indivíduos,

contribuindo, assim, para uma aproximação. Conforme aponta: “[...] Não é apenas um ato individual, solitário de leitores com o texto, mas cria e intensifica vínculos, carregados de afetividade” (PLATZER, 2009, p.180).

Prosseguindo nossas discussões, as professoras Camila e Mariana, ao relatarem sobre a leitura na infância, apontam:

A relação que a leitura na infância estabelece com a criança e o adulto é parte de um processo significativo e gradativo para que este pequeno ser tome gosto pelas futuras leituras. (Professora Camila).

É fundamental a leitura na educação infantil, contribuindo para que as crianças possam ler quando estiverem em séries mais avançadas. (Professora Mariana).

Essa afirmação, assim como outros depoimentos que encontramos, retratam uma preocupação com práticas de leitura que se distancia das experiências vividas pela criança no presente. Segundo Kramer (1993, p.122), “[...] parece até que procuramos impedir que sonhem no momento imediato de sua leitura e escrita. [...]”. A leitura não se torna um ato para ser vivido no presente, mas para conquistas futuras.

Contrariando essa concepção da leitura como uma prática futurística, acreditamos, conforme estudos realizados por Tonucci (2005), Oswald (2005), Franchi (1999) e Kramer (1993), que as atividades de leitura para as crianças devem contemplar o seu presente, isto é, práticas que sejam significativas para a criança no seu momento real; na condição, de fato, de criança.

Para todos os pequenos (quanto à idade, às forças, aos recursos, às possibilidades, ao poder), o tempo é incerto. Para eles, o futuro é uma possibilidade e não uma certeza, por isso eles procuram obter agora, em seguida, tudo aquilo que é possível, sem contar com as garantias do amanhã. A criança não sabe aguardar, nos primeiros meses, porque não conhece o tempo; depois, porque não confia no tempo. O tempo das crianças é administrado pelos adultos, e nos adultos nem sempre se pode confiar. Os adultos dizem sempre: “depois, amanhã”. As crianças aprendem cedo a dizer “agora, em seguida”. (TONUCCI, 2005, p.16).

Assim indagamos: por que então pensarmos em práticas de leitura para serem vivenciadas pelas crianças no futuro? Não seriam mais significativas leituras a serem realizadas no contexto atual da infância?

Observamos, em nossa pesquisa, que todas as professoras entrevistadas afirmam que as atividades que envolvem leituras são relevantes e necessárias e há diversos trabalhos por elas desenvolvidos na instituição. A professora Simone traz informações sobre as atividades de leitura que estão inseridas no Projeto Pedagógico e afirma:

A instituição que trabalho desenvolve alguns projetos de leitura que envolvem profissionais da escola e a comunidade, tais como: empréstimos de livros: semanalmente, todas as crianças da unidade têm a oportunidade de levar um livro para casa e realizar a leitura com seus familiares; mediação de leitura ocorrida às terças-feiras: as crianças manuseiam livros de qualidade, tendo disponível alguns adultos (agentes de limpeza, diretora e assistente de direção, coordenadora pedagógica, professores efetivos e eventuais, secretários de escola e pais de alunos) para mediar as leituras solicitadas pelas crianças; e, por fim, leituras diárias: leitura escolhida e realizada pelo professor em sala de aula. (Professora Simone).

As demais entrevistadas também revelam outras atividades de leitura que realizam com as crianças em suas práticas pedagógicas e que não se limitam a atividades registradas no Projeto Pedagógico da instituição. Segundo a professora Miriam:

Conto histórias também para as crianças, o que permite a elas a criação das ilustrações de cada história, além de promover o interesse para averiguação se a história do livro e as imagens que ele traz são parecidas. (Professora Miriam).

Observamos, pelos relatos acima, as atividades sistematizadas de leitura vinculadas, em especial, a um gênero textual: livros de literatura infantil, restringindo as práticas pedagógicas de leitura. Somente a professora Gabriela apontou a realização de atividades envolvendo outros gêneros textuais:

Faço ainda a leitura dos bilhetes quando enviados para casa; enunciados das atividades; frases ou textos coletivos escritos na lousa. (Professora Gabriela).

Em contrapartida, ao destacarem os impressos que são lidos, em diferentes situações, para as crianças na instituição, aparecem outros gêneros textuais (receitas, bilhetes, letras de música, entre outros). Contudo, esses gêneros textuais não estão vinculados, conforme evidenciamos nos relatos anteriores, a atividades sistematizadas com a leitura. Dessa forma, observamos que a maioria das professoras considera somente atividades de leitura, aquelas que trabalham com o gênero textual literário.

Destacamos que a inserção de diferentes gêneros textuais na educação infantil é contemplada pelas Referências Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 1998) e consideramos a necessidade dessas leituras serem assimiladas pelos educadores que atuam nesse espaço como atividades que devem ser desenvolvidas também de forma contínua e sistematizada.

Ao analisarmos como as professoras trabalham com as leituras na instituição de educação infantil, também intencionamos investigar se elas têm ciência de práticas de leituras vivenciadas pelas crianças em outros espaços sociais que extrapolam os muros escolares. Isso porque, segundo aponta Koerner (2009, p.56) em seus estudos sobre as práticas de leitura de crianças de cinco a seis anos, “[...] É preciso, antes de tudo, identificar quais os gêneros que a criança já conhece, como os conhece e quais aqueles que circulam em seu ambiente de convívio. [...]”

Ferreira (2005, p. IX) afirma que, distantes dos espaços escolares, as crianças, movidas por diferentes intenções, desejos e necessidade, gestam modos de ler e de escrever que são inúmeros e “[...] que por ocorrerem em espaços diversos, numa multiplicidade de materiais e suportes de textos, de procedimentos e de regras, produzem sentidos muito mais diversos do que pensa e legitima a escola. [...]”

Verificamos que apenas duas professoras entrevistadas reconhecem, de um modo geral, as leituras praticadas pelas crianças

em ambientes não escolarizados. Todavia, embora as respostas sejam afirmativas, não ficam evidenciadas de que maneira essas leituras são valorizadas em suas ações pedagógicas cotidianas.

Deparamo-nos, também, com os relatos das professoras Gabriela e Paloma que evidenciam o não conhecimento de leituras realizadas pelas crianças em espaços que transcendem a escola, uma vez que citam apenas como referência de leituras, os livros que são emprestados pela instituição escolar, segundo seus apontamentos:

Esta prática é incentivada e valorizada nos momentos em que emprestamos livros para as crianças realizarem leitura com seus familiares. Uma vez por semana elas escolhem e levam para casa um livro infantil. (Professora Gabriela).

Sempre emprestamos livros para as crianças levarem para casa e assim é possível que eles leiam. (Professora Paloma).

Os relatos acima evidenciam que essas educadoras não abordam com clareza as leituras realizadas pelas crianças em espaços sociais diversos e que não se restringem ao ambiente escolar. Contudo, é fato que tais práticas existem, como revela Chartier (2001, p. 101) em seus estudos sobre a leitura na perspectiva da História Cultural: “[...] na história da leitura, se pensarmos na leitura como uma prática, há a cada dia milhões de indivíduos que realizam milhões de atos de leitura [...]”

Como e por que devemos valorizar as leituras cotidianas das crianças, tornando-as tão significativas como aquelas realizadas no ambiente escolar? Koerner (2009, p. 61) apresenta discussões pertinentes que possibilitam reflexões acerca do questionamento aqui apontado. O reconhecimento, segundo a autora, do que a criança já sabe ou identifica como prática de leitura pode contribuir de maneira significativa para os procedimentos a serem adotados em sala de aula, permitindo, certamente, o seu enriquecimento. Pode servir como um ponto de apoio para o educando, além de fazê-lo perceber que a leitura não é “coisa de escola”, mas é algo que ocorre no seu cotidiano e, ainda, que aquilo que ele vê em casa é plenamente legitimado como leitura. “[...] Serve como a ‘desmitificação’ do espaço escolar como o lugar por excelência onde se

lê. Afinal, o letramento refere-se às práticas sociais com a leitura e não às práticas escolares, tão somente!” Para a autora, a escola deve impedir a instauração da ideia de que as práticas de leitura presentes neste espaço são as únicas socialmente legitimadas.

Refletindo ainda sobre as práticas de leitura em espaços sociais diversos, Sawaya (1999) apresenta alguns dados alcançados num trabalho envolvendo os usos da linguagem verbal de crianças de três a 12 anos de idade e de suas famílias, em um bairro da periferia de São Paulo, que reúne uma população composta por crianças com histórias reveladoras de fracasso escolar.

A pesquisa realizada pela autora trouxe resultados que pareceram justificar um aprofundamento do estudo. Não só enfatizando o lugar da oralidade nas classes populares, mas também o contato que essas crianças estabelecem com a leitura e a escrita, tendo em vista a discussão da afirmação de que as classes populares não apresentam ou têm pouco contato com situações envolvendo a leitura e a escrita em sua vida diária. Refletindo sobre a leitura e a escrita como práticas culturais, Sawaya (1999, p. 44) afirma que as crianças do bairro de Piratininga

[...] pontuam seu discurso de relatos de acontecimentos marcantes, eventos como nascimento, mortes, acidentes etc. mas buscam formas de acumulação e registro no tempo e no espaço, apoiando-se em materiais escritos: o álbum de fotografia do casamento dos pais, acompanhado às vezes de legenda, de frases e orações, de desejos de felicidade e bênçãos, de gozações e piadas, a certidão de nascimento, o álbum que traça os primeiros anos de vida do bebê, o batizado, cartas, registros, documentos de compra do terreno, nota de compra dos blocos para construção do cômodo, pagamento de um imposto, a conta de água e de luz que não foi paga e ameaça ser cortada, a prova escrita do abuso da cobrança da conta de luz pelo dono do cômodo, recortes de jornal, receita médica, bula de remédio, alguns livros, muitas revistas, gibis, a carteira de trabalho, o registro do último empregador, o último pagamento, a carta de recomendação etc. O que esses dados revelam é que estamos diante de grupos sociais que também fazem os mesmos usos dos objetos dos outros grupos, isto é, estamos frente aos usos sociais da escrita em uma cultura escrita.

As crianças entrevistadas convivem com diferentes materiais escritos e a pesquisa também traz informações sobre o que os alunos lêem em espaços não escolares, em seu dia-a-dia, com seus amigos e familiares. Informações sobre como se apropriam, usam e praticam a leitura e a escrita em seu contexto social, dados muitas vezes desprestigiados e desconhecidos pela instituição escolar.

Consideramos, diante dos apontamentos realizados, que as leituras vivenciadas pelas crianças necessitam ser reconhecidas e valorizadas no ambiente escolar, sendo assim legitimadas como práticas sociais. Verificamos pelos relatos das professoras entrevistadas, que suas ações pedagógicas contribuem para as práticas de leitura em ambientes não escolarizados, o que se revela algo bastante positivo. Segundo os apontamentos das professoras:

Alguns pais me relatam que as crianças passaram a pedir livros de presente e outras para o pai e a mãe fazem carteirinhas em bibliotecas. (Professora Camila).

Alguns pais dizem que as crianças imitam a nossa forma de contar, algumas crianças decoram o texto e recontam toda história. Contam pela imagem ou dramatizam. (Professora Miriam).

Interessante também destacarmos o seguinte relato:

Tenho pais que relatam que seu filho tem pedido livro de presente, em troca de um brinquedo. (Professora Gabriela).

3 Palavras finais

Conforme exposto, analisamos as práticas pedagógicas das educadoras no que diz respeito ao trabalho com a leitura na educação infantil e, sobretudo, como essas profissionais se relacionam com as práticas de leitura de seus alunos em espaços sociais diversos, mais precisamente, aqueles que extrapolam o universo escolar.

Constatamos, então, que a escola assume um papel significativo no que se refere ao incentivo a práticas de leituras pelas crianças, envolvendo

seus familiares. Projetos (empréstimos de livros, mediação de leitura, leituras diárias) como os presentes na instituição de educação infantil onde atuam as professoras pesquisadas são ações significativas, quando incentivamos práticas de leituras na infância.

Todavia, conforme apontamos, é fundamental a ampliação de tais práticas para outros gêneros textuais, além da literatura infantil. Consideramos também que os professores devem, ao desenvolverem suas ações pedagógicas, terem clareza da necessidade de reconhecimento e valorização das práticas de leitura vivenciadas pelas crianças em espaços não escolarizados e que não se limitam diretamente às ações da escola.

Conforme aponta Chartier (1999a, p.105), temos, de um lado, os ensinamentos da instituição escolar e, de outro, as aprendizagens fora do âmbito escolar: seja de uma cultura escrita dominada pelo grupo social, seja por uma conquista de caráter individual, “[...] que é sempre vivida como um distanciamento frente ao meio familiar e social e, ao mesmo tempo, como uma entrada em um mundo diferente”.

Nossa pesquisa revela que há um movimento significativo por parte da instituição escolar em incentivar e valorizar práticas de leitura nesse ambiente e também em contexto que extrapolam os muros escolares, sobretudo, no ambiente familiar. Por outro lado, não há, por parte da maioria das professoras entrevistadas, o reconhecimento de práticas de leituras pelas crianças em seus contextos sociais e conseqüentemente a sua integração nas propostas de atividades de leitura realizadas pela escola de maneira sistematizada.

A escola, de fato, é um espaço de inserção da criança no universo da leitura e da escrita. No entanto, não podemos deixar de reconhecer que há outras leituras praticadas pelas crianças que também precisam ser valorizadas pela escola.

Julgamos de suma importância que os olhares e ações de educadores se voltem para as práticas de leitura não escolares vivenciadas pelas crianças. Além daquelas que são realizadas diretamente por influencia e incentivo da própria escola, há outras também presentes

no cotidiano das crianças, envolvendo espaços diversos de circulação de leituras vivenciadas pelas crianças e que não se restringem ao universo escolar.

READING PRACTICE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: EMPHASIS ON THE ON THE EDUCATOR WORK

Abstract: The present work aims to investigate the teacher educational practices concerning to reading practices in childhood education. To carry out this study, we based on academic researches that deal with reading during childhood, on educational practices, and also, on a field research, that we develop in a childhood education public municipal institution situated in Sao Paulo. Six teachers who work with children from four to five years old were interviewed. The research reveals a range of substantial information about how teachers characterize reading in childhood, the way that reading activities are developed and which kind of textual genders are contemplated in their pedagogical work. Discussions about the necessity of daily reading experimented by children in different social contexts, and about teacher pedagogical work developed at school were also emphasized. We observed that the investigated school presents plays an important role concerning to incentive reading practices, developed by children, but that is restricted only to childhood Literature. However, is fundamental to increase such practices to the other textual genders. The teacher educational practices also should be based on recognizing and giving/putting value on reading practices lived by children in different spaces that are not restricted to the scholar universe.

Keywords: Social spaces. Childhood. Readings. Teaching work.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília/DF: MEC/SEF. 1998.

BRITTO, L. P. L. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FARIA, A. L. G.; MELLO, S. A. (Org.) **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 05-21.

CHARTIER, R. **Cultura escrita, literatura e história:** conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: Fundação Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999a.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999b.

FERREIRA, N. S. de. Pensem, com ênfase, nas tristes crianças mudas e telepáticas. In: FARIA, A. L. G.; MELLO, S. A. (Org.) **O mundo da escrita no universo da pequena infância.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005. Prefácio. VII-X.

FRANCHI, E. P. **Pedagogia da alfabetização:** da oralidade à escrita. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KRAMER, S. **Por entre as pedras:** arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.

KOERNER, R. M. As práticas de leitura de crianças de cinco e seis anos. **Leitura:** teoria e prática. Campinas, SP, n.52, p.55-61, 2009.

OSWALD, M. L. M. B. Infância e história: leitura e escrita como práticas de narrativa. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. F. P. (Org.). **Infância:** fios e desafios da pesquisa. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. p.57-72.

PLATZER, M. B. **Crianças leituras entre práticas de leitura.** 2009. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, UNICAMP.

SAWAYA, S. M. **A leitura e a escrita como práticas culturais e o fracasso das crianças de classes populares:** uma contribuição crítica. 1999, Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, USP.

TONUCCI, F. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: Artmed, 2005.

Artigo recebido em: 2/12/2011

Aprovado para publicação em: 16/12/2011